

O ATO DE CUIDAR: EXPERIÊNCIA POLÍTICA NO DIRETÓRIO ACADÊMICO CELINA VIEGAS

THE ACT OF CARING: POLITICAL EXPERIENCE IN THE CELINA VIEGAS ACADEMIC DIRECTORY

Mariana Galvão¹
Arison Cristian de Paula Silva²
Camila Fernandes de Paula²
Camila Ribeiro Araújo²
Anna Stephany Pereira dos Santos²
Luiza Vieira Ferreira¹

RESUMO

Objetivo: Apresentar e discutir as experiências e as atividades vivenciadas ao longo de um ano de gestão em um Diretório Acadêmico de Enfermagem. **Métodos:** Relato de experiência a respeito da gestão do Diretório Acadêmico, desenvolvido por um grupo de estudantes. **Resultados:** O diretório acadêmico proporciona, na graduação, a participação do aluno e sua integração às ações e lutas coletivas. A gestão do diretório acadêmico foi responsável por articular conselhos estudantis e movimentos em benefício dos alunos e democratizar as decisões que afetariam o corpo discente, além de organizar eventos científicos, incentivando a participação e a criação de ligas acadêmicas, bem como atuação e mobilização social, implementação de sugestões viáveis, articulando as ações com a Faculdade de Enfermagem. **Conclusão:** Experienciar a Diretoria acadêmica foi de grande valia para todos nós, sendo um momento ímpar que ficará marcado em nossas vidas, deixando a essência do cuidar, que se iniciou pela vontade de cuidarmos uns dos outros.

Palavras-chave: Estudantes de enfermagem. Educação em enfermagem. Prática profissional. Enfermagem.

ABSTRACT

Objective: To present and discuss the experiences and the activities lived within a year of management in an Academic Directory of Nursing. **Methods:** Report of the experience with the management of the Academic Directory, developed by a group of students. **Results:** The academic directory provides, in the undergraduate, student participation and its integration to the actions and collective struggles. The management of the academic directory was responsible for articulate students councils and movements to benefit the students and democratize the decisions that would affect the students, besides organize scientific events, encourage participation and create the academic leagues, as well as action and social mobilization, implementation of feasible suggestions and articulate the actions with the Faculty of Nursing. **Conclusion:** Managing the Directory was a great value to all of us, a unique moment that will be marked in our lives, leaving the essence of caring, which was initiated by the desire to care for each other.

Keywords: Students, Nursing. Education, Nursing. Professional practice. Nursing.

INTRODUÇÃO

A enfermagem é uma ciência humana de pessoas e experiências, voltada ao cuidado dos seres humanos, cujo campo de conhecimento, fundamentos e práticas abrangem desde o estado de saúde até o de doença,

¹ Enfermeira. Mestra em Enfermagem. Universidade Federal de Juiz de Fora.

² Acadêmico de Enfermagem. Universidade Federal de Juiz de Fora.

mediados por transações pessoais, profissionais, científicas, estéticas, éticas e políticas⁽¹⁾.

Florence Nightingale propôs no século XIX, com base no rigor científico, a enfermagem profissional. Antes de fundamentar a enfermagem como uma base científica, Nightingale percorreu alguns lugares no mundo e observou o cuidado sendo desenvolvido de forma leiga, e sustentado em conceitos religiosos. Desta forma, Florence funda a escola de enfermagem no hospital Saint Thomas, na Inglaterra. Nesta época se iniciava um período científico no qual acreditava-se que a enfermagem era uma arte que requirava treinamento, reprodução de técnicas e não apenas amor e dedicação ao enfermo. Antes de sua morte, Florence escreveu diversos livros que subsidiaram o ensino de enfermagem nightingaleano ou enfermagem moderna⁽²⁾.

No Brasil, a enfermagem é legalizada como profissão de acordo com o decreto nº 791, de 27 de setembro de 1890. Esse decreto estabeleceu requisitos básicos para o curso de enfermagem, como: forma de ingresso, frequência, período de duração e conclusão, além da descrição das disciplinas a serem ministradas no curso da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, hoje denominada Escola de Enfermagem Alfredo Pinto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), considerada, então, a primeira escola de enfermagem brasileira⁽²⁾.

A gênese da profissão implica em desafios para a enfermagem contemporânea. Identifica-se uma formação que continua baseada em modelos clínicos, fundamentada na concepção de saúde/doença médico-centrada, tendo como objetivo a cura, sendo o processo guiado por concepções biologicistas, fragmentadas e altamente especializadas. Esse modelo incide diretamente na fragilidade da formação política da profissão. Além disso, há questões conflitivas que são cingidas pela divisão técnica e social do trabalho⁽³⁾.

A formação em enfermagem está em consonância com o descrito na Diretriz Curricular Nacional (DCN), que propõe uma profissão com qualidade, inovação e responsabilidade, sendo

capaz de criar um projeto político-profissional que requer uma associação da macro e micro realidade da sociedade contemporânea, em suas múltiplas vertentes e suas novas relações de compartilhamento de conhecimento e informação, da pluralidade da condição humana que é mutável há todo momento. Há, portanto, uma constante articulação no mundo do trabalho com a educação, de forma que a prática pedagógica do novo modo de pensar e fazer educação seja capaz de construir projetos educacionais comprometidos e articulados com a consolidação dos princípios do Sistema Único de Saúde⁽⁴⁾.

No mundo do trabalho, a enfermagem é uma categoria institucionalizada e o setor público é o que mais incorpora profissionais (1.063.964), sendo 270.991 enfermeiras. A atuação da enfermagem nos níveis de governo se distribui com a maioria sendo empregada pelo governo do estado com 41,7% das enfermeiras, seguido pelos municípios que absorvem quase 39%, e a união que emprega 19,3%. Nota-se que o maior empregador da enfermagem é o sistema público de saúde⁽⁵⁾.

O ato de cuidar profissionalmente envolve diversas dimensões, são elas: assistir, administrar, ensinar, pesquisar e participar politicamente. A dimensão do participar politicamente permeia todos os outros processos, devido a sua natureza. Essa dimensão está presente no ato de cuidar, mesmo que o profissional não tome consciência do seu uso, que se considere apolítico ou neutro ideologicamente. Embora, pensar dessa forma seja ingênuo, pois todo comportamento, atitude e valores são uma forma de participação política, e sem essas é impossível existir em sociedade ou realizar um ato de cuidado⁽⁶⁾.

A militância, na área da enfermagem, é um aspecto basilar para o caminho de mudança, buscando uma visão que seja integral e comprometida com os aspectos éticos, políticos e sociais dos seres humanos. Deve-se evitar a acomodação e a aceitação sem questionamentos, pois isso acarreta uma profissão repetitiva e sem criatividade⁽⁷⁾.

Esse artigo tem por objeto a participação de discentes em um espaço de representação estudantil, o Diretório Acadêmico (DA). Os diretórios ou centros acadêmicos são entidades estudantis que buscam compor a democracia dentro de uma instituição de ensino, uma vez que é por essa entidade que a militância estudantil participa, constrói e vota nos espaços deliberativos da universidade.

A participação no movimento estudantil é uma forma de tornar a dimensão do cuidado consciente e viva, entrelaçando sala de aula, campos de prática e espaços de discussão, como locais para uma educação emancipadora e formação de enfermeiros e enfermeiras capazes de ver o indivíduo e a coletividade. Falar e dividir experiências conscientes da participação política são de suma importância para o estímulo de fazer nascer novas possibilidades e consolidar cada vez mais a enfermagem como uma ciência do cuidado humano.

REFERENCIAL TEÓRICO

Dentre as dimensões do cuidado anteriormente citadas, iremos discutir com aprofundamento o participar politicamente, embora se compreenda que as dimensões aconteçam concomitantemente e não são dissociadas no momento do cuidado⁽⁶⁾.

Assume-se, primeiramente, que somos seres sociais, animais políticos, sensíveis, coabitantes da terra, viajando na história com futuro incerto. Educar implica admitir que a “condição humana é aprendida, que é historicamente produzida e que a educação é um projeto definido no tempo e no espaço humano e natural. Significa formar o homem, engendrar, isto é, fazer, produzir, a pessoa humana, para a vida em sociedade”. Para Platão, assim como para Aristóteles, a arte de educar é uma virtude com natureza acima de tudo política^(8:23). Então, a formação dos profissionais de enfermagem se faz um solo fértil para romper com a consciência ingênua, que ainda nos permeia de achar que o ato do cuidado não é um

ato político, precisamos investir na educação e na formação dos sujeitos.

Porém, nem toda educação tem o objetivo de educar para emancipar, pois a narração do conteúdo, por um sujeito educador, a ser recebido por sujeitos educandos que vão recebendo as informações a serem arquivadas de forma compartimentada, para que sejam memorizadas e desenvolvidas em datas marcadas, com aplicação de provas à fim de testar conhecimentos é definida como “Educação Bancária”, em que se deposita a informação e aguarda a retirada dessas informações para teste de conhecimento; o educador é quem pensa e o educado é pensado sem criticidade à informação, apenas ajustando-se ao que lhe é fornecido⁽⁸⁾. A alienação da educação desfavorece o processo educacional, ao passo que não há formação do pensamento crítico, o educando é coadjuvante em seu processo de formação, quando deveria ser sujeito atuante. Essa ação desenvolve uma sociedade passiva, que se adapta e é depósito da realidade que lhe é apresentada⁽⁹⁾.

Antagonicamente, citamos o olhar da Educação Emancipadora, na qual “o homem é um ser de relações que estando no mundo é capaz de ir além, de projetar-se, de discernir, de conhecer [...] e de perceber a dimensão temporal da existência como ser histórico e criador de cultura”^(10:8). Acreditamos que a educação como prática de liberdade é uma alternativa para fomentar espaços de formação, para que enfermeiras deixem cada vez mais a consciência ingênua e assumam a consciência crítica, permitindo um pleno exercício do ato de cuidar que emancipa o outro e a si.

Esse artigo tem como objetivos apresentar e discutir as experiências e atividades vivenciadas ao logo de um ano de gestão de um Diretório Acadêmico de Enfermagem.

MÉTODO

Trata-se de um relato da experiência de quatro alunos da graduação em Enfermagem,

durante o mandato na coordenação do Diretório Acadêmico Celina Viegas da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora, correspondendo ao período compreendido entre maio de 2017 e maio de 2018. O relato consiste em desenvolver um referencial teórico e prático de atividades como DA, promovendo ainda discussões sobre a quinta dimensão do cuidar, abordando o envolvimento de docentes, discentes e técnico-administrativos em educação (TAEs), na gestão da instituição que estamos inseridos, sendo nosso cenário de atuação a Faculdade e a Universidade como um todo, em que o principal objetivo seria a aproximação do leitor com a realidade vivenciada.

RESULTADOS

A gestão da chapa *Enfermatiza* coordenou o Diretório Acadêmico Celina Viegas durante o período compreendido entre maio de 2017 e maio de 2018. Os discentes cursavam, na época, o quinto período da graduação em enfermagem e se propuseram a enfrentar tal desafio em uma eleição, em que pela primeira vez, em dez anos, concorreram duas chapas.

Dentre as dificuldades e facilidades durante o processo eleitoral, foi observado um baixo entusiasmo dentre os colegas estudantes com relação ao DA. Durante a eleição é comum que as chapas percorram as turmas para explicar suas propostas e ouvir dos alunos as necessidades, porém o retorno dado era com pouco interesse, não houveram dúvidas ou sugestões, bem como não foi recebida comunicação pelas redes sociais divulgadas, apesar do número inédito de alunos votantes, houve a presença de pouco mais da metade do corpo discente devidamente matriculado no curso de graduação. Exaltamos que foi extremamente enriquecedor a competição entre dois grupos de alunos para a diretoria. Graças a este fato, a participação e a corrida eleitoral foi maior do que nos anos anteriores de chapa única.

A chapa *Enfermatiza* teve por ideal proporcionar aos acadêmicos uma boa passagem

pela graduação, buscando uma forma para que a faculdade fosse mais prazerosa, ou seja, que trouxéssemos para dentro do ambiente universitário a sensação de casa, que os acadêmicos se sentissem ouvidos e atendidos pelo órgão que estava diretamente ligado a eles, que é o Diretório Acadêmico.

Realizando um diagnóstico situacional da conjuntura da época, na Faculdade de Enfermagem, propomos dez principais ações, que tinha como meta o bem-estar do acadêmico de Enfermagem. As principais propostas foram:

1. Estender acolhimento aos alunos de Enfermagem com enfoque aos ingressantes do curso.
2. Ampliar a Atlética, estabelecendo como meta as competições universitárias.
3. Estreitar a relação entre alunos e professores.
4. Buscar melhorias para o espaço de convivência dos alunos.
5. Promoção e participação em eventos destinados aos acadêmicos.
6. Incentivo e apoio aos estudantes no que tange à realização de projetos, eventos e demais iniciativas.
7. Promover maior acessibilidade aos eventos do DA, principalmente assembleias.
8. Aumentar a representatividade dos alunos nos assuntos da discência com a coordenação do curso.
9. Estabelecer parcerias com grupos de pesquisa, ligas acadêmicas e empresas júniores.
10. Promoção e apoio a palestras de capacitação com temas extracurriculares.

O processo de gestão foi permeado de desafios, e as vitórias foram gozadas em cada pequena conquista. Avaliamos que conseguimos comparecer à maioria das reuniões convocadas, o que nos tornou mais informados dos processos acadêmicos, e enfatizamos que buscamos sempre

respeitar o voto dos alunos. Foram realizadas assembleias para discussões de pauta com maior controvérsia, como a extinção da modalidade de licenciatura em enfermagem. Porém, consideramos como desafio a baixa adesão às mesmas. Evidencia-se como a participação política direta é incipiente.

Por meio de diagnósticos situacionais, foram propostas intervenções e criados meios de comunicação mais eficazes, como por exemplo, uma ouvidoria. Após episódios de demonstrações públicas de descontentamentos de alunos a respeito de assédio ou desrespeito, criamos a ouvidoria do diretório acadêmico, que funciona como um canal de comunicação anônimo com o objetivo de ouvir e intervir a favor dos alunos. Porém, em um ano de gestão não recebemos nenhum contato. Nas situações que nos foram expostas, buscamos ao máximo ser solícitos e atenciosos aos nossos pares e superiores. Realizamos papéis ativos nos eventos científicos da faculdade. E citamos, também, como conquista a criação da sala de estudos que muito nos beneficia. É árduo conciliar um curso de jornada integral com atividades extracurriculares, mas julgamos que realizamos, com mais qualidade, oito dos dez pontos levantados inicialmente.

DISCUSSÃO

É através da educação que podemos desenvolver a natureza humana, ética, estética e política, tornando o espaço de formação um local para proceder ao desenvolvimento humano, criar e formar para a cidadania. Trata-se de colocar os sujeitos para buscar e superar o assujeitamento alienado que a sociedade de classes produz, questionando essa dependência construída das tecnologias e criando novas formas de apropriação⁽⁸⁾.

Estudos indicam que a enfermagem caminhou predominantemente para uma formação hospitalocêntrica e biomédica, possibilitando práticas de submissão e de exploração no trabalho. Além disso, as enfermeiras possuem uma tradição de “exercício obediente”, introduzida pelas questões de ordem religiosa e

de gênero, atrelada ao estereótipo da profissão. E, por fim, a visão restrita de profissionais quanto ao seu papel político, possuindo uma participação política incipiente⁽³⁾.

Sendo o agir politicamente, não só a quinta dimensão do cuidar, como também a que mais facilmente influencia as demais, se faz essencial que os enfermeiros tenham o pensamento crítico, reflexivo, e preze pelo fortalecimento do coletivo da profissão se envolvendo desde a graduação nas atividades que trazem visibilidade as causas da área. O Ser emancipado é capaz de compreender o que lhe é fornecido de informação e discernir de maneira consciente, a fim de manter, modificar, descartar ou reafirmar. É uma forma de estruturar sujeitos transformadores⁽¹¹⁾.

Acreditamos que o Diretório Acadêmico é um grande aliado no processo de formação à cidadania. Sendo um espaço de autonomia discente, os alunos rompem com o sistema bancário e se tornam sujeitos do seu processo de educação. Ao buscarem uma nova forma de construção de saber, eles se tornam aptos a compreender a politicidade do cuidado, tendo no diretório acadêmico uma proposta emancipatória. A participação no DA é, para nós, uma forma de impedir que o futuro simplesmente aconteça como uma fatalidade ou acaso, pois deveríamos todos nós, enfermeiras e enfermeiros, comprometermo-nos na construção do futuro que almejamos⁽²⁾.

CONCLUSÃO

Experienciar a diretoria do DA Celina Viegas foi de grande valia para todos nós, sendo um momento único que ficará marcado em nossas vidas, deixando a essência do cuidar, que se iniciou pela vontade de cuidarmos uns dos outros, e da participação política, que nos guiará para apreciarmos o caminho da aprendizagem com esforço e representatividade, para nos tornamos Enfermeiras e Enfermeiros, para sermos Enfermagem.

Em nossa gestão como Diretório Acadêmico, nosso desejo foi demonstrar aos

colegas graduandos que a participação política pode sim trazer os resultados que ansiamos, e que toda luta deve ser em prol do bem coletivo. Nota-se que toda ação precisa de uma teoria, e toda teoria de uma atitude. Buscamos inserir em nossa realidade o que aprendemos em nossas salas de aula.

Consideramos que o processo de gestão de um diretório é permeado de desafios, porém muito prazeroso quando entendido como um cuidado à nossa futura geração de enfermeiras. Participar politicamente nos deu a possibilidade de se educar em comunhão nos espaços democráticos da Universidade. Salientamos que essa gestão não foi melhor ou pior diante das que já passaram e das que virão. Almejamos que cada vez mais possamos divulgar e compartilhar atos políticos em nossa profissão.

REFERÊNCIAS

1. Lima M. O que é enfermagem. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.
2. Oguisso T. Trajetória histórica e legal da enfermagem. 2 ed. Barueri (SP): Manole, 2007.
3. Almeida DB, Silva GTR, Freitas GF, Almeida IFB, Cunha ICK, Amestoy SC. Práticas de liberdade de enfermeiras militantes pela construção de outras modalidades de objetivação da enfermagem. Rev Baiana de Enferm [Internet]. 2018; 32:e25099. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/25099/16222>
4. Ministério da Educação (BR). Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. O ensino de graduação em enfermagem no Brasil: o ontem, o hoje e o amanhã. Brasília (DF): ME; 2006. 129p.
5. Machado MH, Oliveira ES, Lemos WR, Lacerda WF, Justino E. Mercado de trabalho em enfermagem no âmbito do SUS: uma abordagem a partir da pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil [Internet]. Divulgação em saúde para debate. 2016;56:52-69. Disponível em: http://cebes.org.br/site/wp-content/uploads/2016/12/Divulga%C3%A7%C3%A3o_56_Cofen.pdf
6. Sanna MC. Os processos de trabalho em enfermagem. RevBrasEnferm [Internet]. 2007; 60(2):221-224. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v60n2/a17v60n2.pdf>
7. Caetano AS, Prado JTC. Mercado de trabalho: condições gerais do trabalho da enfermagem. Divulgação em Saúde para Debate. Rio de Janeiro (RJ) [Internet] 2016; 56:98-105. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://bvsm.sau.de.gov.br/edicoes-2017/is-n-03/2494-mercado-de-trabalho>
8. Bortolini RW, Nunes C. Paideia grega: aproximações teóricas sobre o ideal de formação do homem grego. Filos. e Educ [Internet]. Campinas (SP). 2018;10(1):21-36. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8651997/17695>
9. Freire P. Educação “bancária” e educação libertadora. In: Introdução à psicologia escolar; 1997. 61-78.
10. Freire P. Educação e atualidade brasileira. Recife (PE): Universidade do Recife; 1959.
11. Pereira SA, Silva AFG. O Currículo na Perspectiva da Educação Emancipatória Freireana: uma análise da Matriz Curricular da Rede Municipal de Ensino de Sorocaba, SP [Internet]. Emancipação. 2018; 18(1):185-202. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/9086/209209210064>

Recebido em: 25/08/2018.
Publicado em: 03/12/2018.